



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

**PAISAGENS VIVIDAS EM “MENINA QUE
VEM DE ITAIARA”: TOPOGRAFIA
FANTÁSTICA DA MEMÓRIA DE
LINDANOR CELINA¹**

**LANDSCAPES LIVING IN “GIRL
COMING FROM ITAIARA”: FANTASTIC
TOPOGRAPHY OF THE MEMORY OF
LINDANOR CELINA**

Carla Figueiredo Marinho

RESUMO

Lindanor Celina (1917-2001), escritora paraense, em seu romance “*Menina que vem de Itaiara*” (1963), convida o leitor logo nas primeiras linhas, a percorrer as ruas da fictícia Itaiara/Bragança na companhia de Irene, que durante pequenas pausas apresenta seus moradores e sua vida cotidiana. Seu texto é carregado de reflexões acerca de alguns elementos da construção discursiva sobre a sociedade bragantina. A leitura sócio antropológica realizada me permitiu perceber uma multiplicidade de temáticas que emergiram ao longo da leitura do enredo, pude perceber a necessidade de ampliar o olhar, buscando compreender a proposta da escritora em sua trilogia, a qual está ligada não somente pela trajetória da protagonista Irene, mas, me

¹ O presente trabalho é resultando da disciplina: “*Antropologia das Paisagens e coletivos híbridos: entrelaçamentos simbólico-práticos nos lugares*”, ministrada pelo professor Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA /UFPA.

atrevo a dizer, que o lugar – *Itaiara* – ganha destaque, uma vez que as lembranças atreladas à cidade estão sempre presentes. Pensar esta ‘comunidade amazônica’ – Itaiara/Bragança – ainda que tenha se mostrado um exercício aprazível, tem me feito refletir a riqueza presente na narrativa de Lindanor Celina. Narrativa carregada de peculiaridades de uma Bragança atemporal, cujos fragmentos de memória quando ancorados são enriquecidos por seu estilo de escrita, o qual permite ao leitor, e aqui me incluo, a percorrer as ruas de Itaiara, e neste percorrer conhecer seus personagens e as tramas da vida cotidiana.

PALAVRAS CHAVE: Lindanor, Itaiara, Irene.

ABSTRACT

Lindanor Celina (1917-2001), a writer from Pará, in her novel "Menina que vem de Itaiara" (1963), invites the reader in the first lines to walk the streets of the fictional Itaiara / Bragança in the company of Irene, who during small pauses presents its residents and their everyday life. His text is loaded with reflections about some elements of the discursive construction on the bragantina society. The socio-anthropological reading carried out allowed me to perceive a multiplicity of themes that emerged throughout the reading of the plot, I was able to perceive the need to widen the gaze, seeking to understand the writer's proposal in her trilogy, which is linked not only by the trajectory of the protagonist Irene, but I dare say that the place - Itaiara - is highlighted, since the memories tied to the city are always present. To think of this 'Amazonian community' - Itaiara / Bragança - although it has been a pleasant exercise, has made me reflect the richness present in the narrative of Lindanor Celina. Narrative loaded with peculiarities of a timeless Bragança, whose fragments of memory when anchored are enriched by its style of writing, which allows the reader, and here I am included, to walk the streets of Itaiara, and in this walk know their characters and the plots of everyday life.

KEYWORDS: Lindanor, Itaiara, Irene

O que noutras palavras, significa a urgência de voltar a olhar com mais atenção o que julgamos domesticado, ou ainda, implica uma nova interpretação da casa no imaginário português. (SILVEIRA, 1999, p.13)

O romance “*Menina que vem de Itaiara*” (1963), da escritora Lindanor Celina Coelho Casha² (1917-2001), é carregado de reflexões acerca de alguns elementos da construção discursiva sobre a sociedade bragantina. Tal reflexão tem permitido, uma vez que não se esgota aqui, um profícuo diálogo entre a Antropologia, a Literatura e a História, pois não entendo o texto literário como um documento social, mas sim como uma forma de representação textual da sociedade, o que me possibilita formular hipóteses sobre o imaginário bragantino.

E aqui é importante pensar o imaginário na sua pluralidade, principalmente quando o cenário é o amazônico, onde há a necessidade de regionalizar e pensar que apesar de nos depararmos com arquétipos que constelam em diferentes lugares, os mesmos sofrem modificações. Neste texto não irei me aprofundar ainda no debate que concerne ao imaginário, mas entendo a importância de dialogar com tal conceito, por sermos

² Lindanor Celina Coelho Casha nasceu em 21 de outubro de 1917, no município de Castanhal, localizado no nordeste do estado do Pará. A primogênita do casal Oscar Coelho e Francisca Coelho, que tiveram mais duas filhas, Lucimar e Laudy. Suas primeiras recordações estão atreladas a cidade de Bragança, também localizada no nordeste paraense, onde morou até os 11 anos, quando mudou para cidade de Belém para estudar no sistema de internato do Colégio Santo Antônio, onde permaneceu até os 17 anos. Quando retornou para Bragança passou a trabalhar como secretária na prefeitura (PENHA, 2008, p. 9). Linda, além de secretária foi também professora, atriz, servidora do Tribunal Regional do Trabalho da 8ª Região, jornalista e escritora. (PEREIRA, 2004, p.33).

atravessados por ele, uma vez que se constitui na ordem do coletivo (DURAND, 1989; 1995).

Buscando estruturar não somente o texto, mas principalmente na tentativa de descrever para o leitor a experiência vivenciada em minha primeira incursão em campo³, fiz uso de alguns registros fotográficos, pois esses me evocavam uma Bragança pretérita (narrada), mas que ao mesmo tempo estavam diante dos meus olhos, por segundos tive a sensação de poder me deslocar no tempo. Não poderia deixar de destacar que entendo o registro fotográfico como uma metáfora visual, que me possibilitou ligar o visível ao invisível, tal como Edwards (NOVAES, 2015, *apud* EDWARDS, 1997, p.10) menciona na citação abaixo:

A fotografia pode comunicar sobre a cultura, a vida das pessoas, experiências e crenças, não no nível da descrição superficial, mas como uma metáfora visual, que liga os espaços entre o visível e o invisível, que não comunica por meio de um paradigma realista, mas por meio de uma expressividade lírica.

A necessidade de pensar a pesquisa para além das lentes dos estudos de gênero, as quais ‘disciplinaram’ meu olhar ao longo da pesquisa do mestrado, e durante a elaboração do projeto para a seleção do doutorado, se deu com o (re)visitar parte do campo que está presente nos romances: *Menina que Vem de Itaiara* (1963),

³ Como falo nesta primeira parte do texto, o mesmo é construído a partir das primeiras impressões que tive ao realizar uma breve incursão em campo, que nesse momento consistia em conhecer a cidade de Bragança/PA, com o intuito de encontrar registros da vida da escritora na cidade. A partir da proposta da disciplina e da pesquisa que realizo no doutorado sobre a vida e obra de Lindanor Celina pude pensar nos elementos constitutivos que possibilitaram tal reflexão.

Estradas do Tempo-Foi (1971) e *Eram Seis Assinalados* (1994). Diante da multiplicidade de temáticas que emergiram ao longo da leitura do enredo, pude perceber a necessidade de ampliar o olhar, buscando compreender a proposta da escritora em sua trilogia, a qual está ligada não somente pela trajetória da protagonista Irene, mas, me atrevo a dizer, que o lugar – *Itaiara* – ganha destaque, uma vez que as lembranças atreladas à cidade estão sempre presentes. Destaco na citação abaixo do segundo romance da trilogia, “*Estradas do Tempo-Foi*”, onde a protagonista narra seu cotidiano no Colégio Santo Amaro⁴, localizado na cidade de Belém.

A longa insônia era-lhe de certa forma uma libertação. Ocultos momentos seus. O corpo preso aos lençóis, à disciplina, mas a mente, vagando viva sem um tico de moleza, pelas estradas do tempo-foi. Ia a Itaiara e de lá voltava num relâmpago. Pensando devia ser mesmo assim, que nem corisco, não só rápido, instantâneo, mas como que aclara tudo o que para trás dos caminhos da gente ficou envolto em sombras (CELINA, 1969, p.30).

Logo nas primeiras linhas de “*Menina que Vem de Itaiara*” necessitei de novas lentes, o que me exigia além de selecioná-las, também ajustá-las, mas, mesmo estando atenta a esta emergência, me deixei conduzir deixando com que o campo, ou melhor, as impressões do campo me direcionassem ao que de ‘mais forte’ emergia dele. Foi então que me dei conta da riqueza das descrições das paisagens da fictícia

⁴ Nome fictício dado ao Colégio Santo Antônio, localizado na Praça Dom Macedo Costa, nº128, bairro do Comércio. Sua estrutura é um clássico exemplo da cultura artística ibérica e franciscana do século XVII. (ALENCAR, 2009)

Itaiara, que afloram na narrativa da pequena Irene, fazendo uso de um estilo envolvente, o leitor é convidado logo nas primeiras linhas, a percorrer suas ruas fazendo pequenas pausas para conhecer seus moradores, como podemos ler no trecho que segue:

Mas falávamos da casa da rua das Pedras, de onde datam minhas primeiras lembranças. Era de canto, de porta e janela, chão e cimento. Dela guardei poucos detalhes. Sei de um pé de cajarana no quintal, um dia levei umas lambadas porque, às escondidas, me fartei de cajaranas, depois de um bruto purgante de mamona. Lembro alguns vizinhos, os bailes de máscaras e os ensaios dos “Filhos da Candinha”, em casa do Chico Braga, um pouco mais a baixo. Madrinha Lúcia, seu casamento com foguetes; dona Santinha, que me preparou, mais tarde, para a primeira comunhão; os Guedes, e os Coutinho, do casarão de azulejo. (CELINA, 1997, p. 11)

O trecho acima me chamou muita atenção, assim como outros que serão citados ao longo do texto, em virtude da descrição realizada por Irene quando apresenta ao leitor as casas em que residiu com sua família, chegando a despertar a curiosidade do significado atribuído a “casa” nos textos literários. Tal curiosidade me motivou a buscar na literatura os valores atribuídos a este espaço que segundo Jorge Fernandes da Silveira⁵ (1999, p. 16) “por se relacionar com um objeto visível na realidade, a imagem da casa em

literatura tem de ser entendida como um das formas pelas quais a linguagem mantém, pela preservação ou pela transformação, as suas relações com a cultura”. Logo, entendo que pensar a partir da casa é ir além da sua forma geométrica.

1. Irene: A menina que conta sobre Itaiara

A longa insônia era-lhe de certa forma uma libertação. Ocultos momentos seus. O corpo preso aos lençóis, à disciplina, mas a mente, vagando viva sem um tico de moleza, pelas estradas do tempo-foi. Ia a Itaiara e de lá voltava num relâmpago. Pensando devia ser mesmo assim, que nem corisco, não só rápido, instantâneo, mas como que aclara tudo o que para trás dos caminhos da gente ficou envolto em sombras. (CELINA, 1969, p.30)

Ao longo da narrativa minha inquietação por não conhecer a cidade de Bragança, a qual inspirou Lindanor Celina em sua criação literária, passou a tornar-se cada vez mais latente, pois a curiosidade de ‘ver’ o que havia ‘ouvido/lido’ só aumentava. Até então não havia me dado conta de que a Bragança a qual procurava a narrada, não estaria lá, embora tenha encontrado elementos verossímeis, que puderam ser percebidos quando percorri as ruas de Itaiara/Bragança tendo como guia o que ouvira de Irene/Lindanor.

É importante frisar que o ‘estar lá’ despertou certa polifonia, meu olhar passou a ser orientado por vozes literárias e etnográficas, que me remetiam a experiências relatadas como a do antropólogo e historiador norte-americano,

⁵ Professor titular de Literatura Portuguesa da UFRJ, coordenou a pesquisa: “*Portugal na Europa e o Brasil emigrante*”, patrocinado pelo CNPq. A pesquisa resultou na publicação do livro: “*Escrever a Casa Portuguesa*”, o mesmo reúne 29 textos ensaísticos de autorias diversas, professores de universidades brasileiras, portuguesas e americanas.

Richard Price (2000), quando escreveu sobre a pesquisa que realizou na Martinica. Quando me deparei com a orla de Bragança fiquei encantada com tantas embarcações e por um instante tive a sensação de que meu olhar estava sendo desviado, foi quando ecoou em minha mente um trecho do texto “Memória, Modernidade, Martinica”: “Naquele verão, eu estava sendo atraído para uma região central da vida na Martinica” (PRICE, 2000, p. 64).



Margem do Rio Caeté. Fonte: MARINHO, 2016.

Fui atraída para a região portuária bragantina e logo meus pensamentos foram direcionados para a vida cotidiana da família de Irene, em particular a figura de seu pai. Como sua atividade econômica estava atrelada a beira, por ali ser o lugar em que negociava o peixe e camarão seco, que comercializava ao longo da Estrada de Ferro, por minutos me vi deslocando temporalmente e projetando-me a partir da imagem e da narrativa de como as negociações ocorriam ali.

Trataram de dormir, era tarde, papai levantando-se cedo, para ir à cabeça da ponte, esperar as canoas de peixe e camarão. Eu também tinha o grupo, às sete e meia, mas cadê que fechei os olhos? Fui dar uma escapada pelos Bonança que, breve, ô milagre, iríamos

possuir, aquela casa, não alugada, nossa! (CELINA, 1999, p.40)

A figura de seu Geraldo, pai de Irene, possibilitou um “cruzamento de histórias”, pois assim como o pai da também escritora paraense Eneida de Moraes, o comandante Guilherme, teve sua vida marcada pela relação que estabelecia com as águas, ambos Geraldo e Guilherme saíram ainda meninos para trabalharem embarcados, voltando a se relacionarem com os familiares quando já adultos.

Ele, quando fugiu de casa com nove anos e se largou feito um espirado, nesse meio de mundo [...] Acho mesmo que nem foi tanto raiva de meu avô, recalque da surra, que o fez fugir, antes aproveitou o motivo para arribar, ganhar o mundo. Sim, deve ter sido isso, que meu coração não era desses de rancores trancar. Ademais, não fosse essa arrancada, teria seu pai saído um dia sequer daqueles ermos? Teria conhecido inteirinho o Brasil, como foguista de navio, e ainda parte da América do Sul? Me contaria nunca a sua chegada à Bolívia, onde a primeira coisa que viu, na cidade de Cobija, foi uns mestiços com sacos de trigo às costas, em demanda de uma casa larga, achatada, a cavaleiro por sobre o barranco, e em cuja fachada esta escrito “Panadaria”. [...] Voltou homem feito, quando tua avó Isabel esteve morre-não-morre, e a cunhada Helga mandou avisá-lo. Dizem que a alegria da velha foi tal que ficou boazinha dos ataques de hemorroida que a estavam matando. (CELINA, 1997, p.10)

As histórias não cessam aí, a figura de Alfredo, o menino marajoara que vem dos campos de Cachoeira para estudar em Belém, emerge em minha lembrança quando me deparo com a orla tendo meu olhar orientado pelo ângulo de quem chega à cidade por via fluvial,

como não recordar da descrição feita por Dalcídio?

“B’lém, B’lém, Belém, Belém”, repetia Alfredo baixinho, imitando Andreza em Cachoeira quando falava da cidade.

“B’lém, B’lém”, já vestido, pronto para desembarcar. Mas esperava a mãe. Seguro nos cabos do barco “São Pedro”, murmurou:

- Oh, mas esta mamãe custa...

E sentia com a própria impaciência o encanto daquela demora. Tudo custava. Custou a manobra do barco para entrar no Ver-o-Peso, o cais das embarcações a vela que vinham do Guamá, Ilhas, Salgado, Marajó, Tocantins, Contra Costa... (JURANDIR, 2004, p.79)



Orla da cidade de Bragança. Foto: MARINHO, 2016.

A relação estabelecida, entre os diferentes enredos, me permitiu pensar a partir da perspectiva do geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) sobre o desenvolvimento da habilidade espacial, pois, segundo ele, a mesma é desenvolvida lentamente, porém quando a mente “aprende a estabelecer as relações espaciais, ela cria grandes e complexos esquema espaciais, que vai muito além do que o indivíduo pode abranger através da

experiência direta”(TUAN, 1983, p.76). E aqui entendo que mesmo com o limite biológico do corpo, de não poder estar de ‘fato’ no espaço que foi narrado, pude perceber esta “espacialidade do lugar”, pois ela evoca certo sentimentalismo, ou seja, um sentimento de pertença ao longo da narrativa de caráter memorialista que evolue o leitor, ao ponto da descrição permitir uma troca de vibrações entre o lugar e o leitor. A citação abaixo fazendo uso de um tom poético, expressa a experiência que tive neste primeiro contato com a cidade de Bragança:

Quando estamos diante de um panorama, nossa mente está livre para devanear. Quando mentalmente nos movemos no espaço, também avançamos e retrocedemos no tempo. O movimento físico através do espaço pode produzir ilusões temporais semelhantes. Quando os folhetos de viagem nos dizem para “entrar no” passado ou no futuro, o que eles pretendem é que visitemos um lugar histórico ou futurístico – uma casa ou cidade. Somos convidados a entrar em um ambiente que foi construído no passado ou em um daqueles feitos no estilo de um futuro imaginário. (TUAN, 1983, p. 139)

A citação chama atenção para outro elemento atrelado ao espaço: o tempo. E assim como por meio da “pintura ou da fotografia de paisagem em perspectiva nos ensina a ver o tempo “flutuando” através do espaço”, o mesmo está explícito em tudo, e pode facilmente ser identificado no texto, pois o mesmo conduz a rítmica temporal da narrativa. E se tratando de um texto de cunho memorialista, ele permite mais ainda ao leitor

esse “flutuar” no tempo e no espaço. (TUAN, 1983, p. 137)

Aqui volto para o significado atribuído a ‘casa’ para pensar Itaiara a partir de uma dimensão e/ou escala menor, tendo como ponto de referência a casa da família de Irene, que é apresentada ao longo da narrativa. As descrições não se limitam somente a sua forma, mas enfatizam principalmente as relações sociais estabelecidas dentro e fora dela. É importante destacar que a casa tem suas delimitações físicas e simbólicas, entretanto, a narradora ao destacar particularmente, ‘a porta e a janela’, dois espaços que entendo como passagens necessárias para que a casa não se torne uma prisão, os mesmos dão ‘acesso’ para entrar e também possibilitam que não se perca de vista o que está lá fora. (BUESCU, 1999, p. 28)

Como veremos a seguir, Irene faz os dois movimentos na narrativa, uma vez que apresenta grandes ‘temáticas’ sem esgotá-las, a partir de situações corriqueiras que se passam ao seu redor, parto então da percepção do espaço da casa como um lugar íntimo, rico de metonímias e metaforicamente ligado ao homem. O trecho abaixo reforça a ideia de ter a casa enquanto espaço de intimidade: “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância” (TUAN, 1983, p.160).

É por meio desta intimidade compartilhada, entre o narrador e leitor, que será possível perceber como se davam as relações sociais em Itaiara.

2. Observando *Linda* Observar

enquanto dormia, retrocedera sem esforço a uma época para sempre transcorrida de minha primitiva existência, tornando a encontrar alguns de meus terrores infantis, como o medo de que meu tio-avô me puxasse os cachos [...] Tal acontecimento, eu o esquecera durante o sono, mas sua lembrança voltava-me assim que conseguia despertar para fugir às mãos (PROUST, 2006, p.21)

A primeira edição do romance, publicado em 1963, é prefaciada por Dalcídio Jurandir⁶, que chamou atenção para dois pontos importantes sobre a obra de sua ‘discípula’: primeiro, Lindanor Celina incorpora-se no “pequeno grupo de escritores paraenses” e sua produção literária mantém-se ligada, como que por um ‘cordão umbilical’ a província, o estado do Pará. Segundo, as condições em que foi escrito o texto, e aqui faço questão de transcrever o trecho nas palavras de Dalcídio:

O romance foi feito à mesa de jantar, entre atender as crianças e destampar a panela, em manhãs de Belém ou durante a sesta, daí um odor de varanda e caramanchão de almofada de renda e rede armada debaixo da mangueira, de meninas suadas chegando da escola, que o livro tem (JURANDIR, 1997, p.5).

Importante ressaltar que Dalcídio Jurandir foi o mestre de Lindanor Celina ou

⁶ Dalcídio Jurandir (1909-1979) romancista, jornalista, crítico literário e poeta. Autor de 10 romances que compõem o Ciclo do Extremo Norte.

‘Linda’, como era chamada pelos amigos. A escritora inclusive denomina a protagonista de sua trilogia de Irene, o mesmo nome de uma das personagens presente no Ciclo do Extremo-Norte de seu mestre. Dalcídio, Eneida e outros escritores paraenses que escrevem sobre sua infância, realizam deslocamentos temporal e físico, quando (re) visitam os lugares de suas lembranças. Assim, Lindanor também revisita a sua passada na cidade de Bragança, localizada na Região do Salgado, do estado do Pará.

Como mencionei no início do texto, a riqueza das descrições me chamou atenção, despertando o interesse e necessidade de usar outras lentes em minha pesquisa. Lindanor Celina constrói as paisagens tendo como fonte criativa sua própria experiência de ter passado a infância e o início da juventude em Bragança, ou seja, a paisagem vivida emerge da fenda da memória vivida, e o ato de narrar evoca tais imagens. (SIMMEL, 1996)

Nossa memória é fragmentada, ou seja, o passado não permanece incólume em nossa mente. Segundo Halbwachs (2003) quando visitamos nossas lembranças selecionamos um conjunto de memórias a partir das experiências do presente que levaram a suscitá-las. Logo, entendo que no ato de escrever sobre a fictícia Itaiara, a escritora ‘âncora’ sua memória na “paisagem do passado”, e a partir da (re) construção desta paisagem por meio da escrita Linda conecta-se com outro tempo que suscita fatos e personagens de sua infância vivida em Bragança.

O voltar a infância parece ser um recurso recorrente entre os literatos, segundo

Figueiredo (2013), o escritor mineiro Pedro Nava certa vez disse que é no reencontro entre o passado e o presente que as lembranças ganham vida, e são repassadas para outros que poderão perpetuá-las por mais anos. E nesse exercício a memória dos ancestrais é (re) visitada e também construída, por aqueles que no presente constroem as suas. Mas acompanhem nas linhas que seguem as primeiras lembranças de infância de Irene:

Quando abri os olhos para o mundo, me vi naquela casa de porta e janela, na rua das Pedras. A mais remota lembrança, minha foi mesmo a daquele dia da procissão. Procissão do Senhor Morto. Eu teria, deixe ver, meus quatro anos, não mais. Papai vivia de andanças na estrada de ferro, negociando com peixe seco e camarão. Mamãe nunca sai de casa. Boa católica, nesses tempos, morria de vontade de ir à missa, uma novena, uma procissão. Éramos novatos na cidade, ela não conhecia ninguém a quem me confiar. (CELINA, 1997, p.9)

Como bem chama atenção Figueiredo (2013), ‘nossos’ literatos quando crianças tinham a “atenção desmedida para tudo o que acontecia a sua volta” e por meio dos seus escritos testemunham sobre o passado. Ainda olhando sobre os ombros de Irene, temos as descrições do cotidiano tranquilo de uma criança residente em uma pequena cidade do interior, localizada na região bragantina, situada às margens da estrada de ferro, como bem podemos ler abaixo:

Nossa vida era esta: papai viajando pelo misto das terças-feiras, cada semana, levando partidas de peixe e de camarão seco, às vezes algum tabaco, farinha, feijão, para vender na estrada,

e voltando pelo horário de quinta ou sábado. Trazia sempre uma novidade, umas rapaduras de coco, um pedaço de batida ou de alfenim, uma garrafa de mel de cana dos engenhos de nossos parente e amigos de buritizal. (CELINA, 1997, p.11)

A cidade tinha um viver inosso e tranquilo. Minha vida era aquela casa de porta e janela, as malinezas das filhas da Marcionila, o som do piano dos Coutinhos, a rua onde quase nada acontecia. Metade do ano que precedia ao Carnaval, havia os ensaios dos “Filhos da Candinha”, em casa do Chico Braga, aí a rua se animava um pouco. No mais as conversas nas calçadas, cada noite após o jantar, as crianças brincando de roda e anelzinho, e eu nem disso participando, mamãe me fazia dormir cedo.

Possível acontecessem coisas naquela terra, mas eu, pequena demais para me aperceber do que não fossem os fatos triviais do quarteirão. (CELINA, 1997, p.13)

O trecho em negrito é outro ponto em comum destacado por Figueiredo (2013) e por mim em minha dissertação⁷, quanto à percepção do espaço pelas crianças, pois as mesmas o entendiam como um “universo”, mas sabiam que havia muito ainda a ser explorado, mas tal aventura só seria possível quando atingissem mais idade e assim pudessem circular por ‘novos’ espaços. Mas, para que a narrativa continue fluindo, Irene vai gradativamente ampliando seu olhar, o espaço é ampliado com as mudanças que são orientadas pela circulação de sua família pela cidade, suas lembranças suscitam novos lugares e juntamente com eles personagens. Com o olhar ampliado, a curiosidade em saber como era fora de Itaiara também cresce em Irene, logo a

abaixo temos a menina indagando como seria São Paulo, lugar de onde chegava às cartas de Luizinho, filho de Dona Zefinha, sua vizinha, mas logo volta para a rua das Pedras:

São Paulo, como seria? Assim do jeito de Itaiara, uma praça da prefeitura, uma cabeça de ponte, uma igreja matriz? Mas papai cedo me tirou o engano: “Qual filha aquilo é enorme, é rival do Rio de Janeiro, são as duas maiores do Brasil” [...] Ainda hei de voltar àquela cidade (CELINA, 1997, p. 24).

Mas falávamos da casa da rua das Pedra, de onde datam minhas primeiras lembranças. Era de canto, de porta e de janela, chão de cimento. Dela guardei poucos detalhes. Sei de um pé de cajarana no quintal, um dia levei umas lambadas porque, às escondidas, me fartei de cajaranas, depois de um bruto purgante de mamona. Lembro alguns vizinhos, os bailes de máscaras e os ensaios do “Filhos de Candinha”, em casa do Chico Braga, um pouco mais baixo. Madrinha Lúcia e seu casamento com foguetes; dona Santinha que me preparou, mais tarde, para a comunhão; os Guedes, e os Coutinhos, do casarão de azulejos. (CELINA, 1997, p. 11)

A imagem que segue abaixo embora não seja uma representação dos “Filhos de Candinha” e sim das festividades ocorridas por conta da Marujada, quando me deparei com ela no Museu da Marujada em Bragança, a primeira lembrança que me veio foi do grupo que se reunia no período de carnaval.

⁷ ENEIDA DE MORAES para *mulheres*, sobre *mulheres*, A Mulher ‘Dita’: contornos da Imagem do Feminino em Eneida, “a escritora que veio do Pará”.



Procissão da Marujada. Foto MARINHO, 2016.

A descrição continua com maiores detalhes apresentando por menores dos espaços de habitação dos moradores da rua das Pedras, como é possível ver/ler nos trechos seguintes:

Eu, muito chorona, criança solitária, ansiava por outras crianças. Procurava as filhas da Marcionila, umas pequenas piolhentas que moravam ao lado. Um descuido de mamãe, eu me escapulia para lá, não demorava ela ouvia os gritos, as meninas tinham me puxado o cabelo, me sentado o beliscão ou imprensado o meu dedo na porta. Corria a buscar-me, passava-me carões, ameaçava-me, eu em prantos jurava nunca mais voltar. Não dava meio hora, de novo meus berros ecoavam, meus pedidos de socorro. (CELINA, 1997, p.11)

Próximo a nós, a enorme casa de azulejos do coronel Coutinho, um horror de janelas, um quintal e tanto, e dentro daquele casarão, o piano, que era minha tentação. Ouvir o piano, tocar o piano, o piano me agarrava. Mas o piano também me falava de outras coisas daquela casa. Por detrás das venezianas sempre cerradas, um mundo trancado, talvez acima do comum, alheio ao nosso. Era um povo calmo, sério, amavelmente digno, umas vidas diferentes. Me intimidavam, me impressionavam aquelas vidas, aquele casarão. (CELINA, 1997, p.11)

Frente à nossa casa, bem em frente, havia uma casa escura e alta, dessas de porão. Lá moravam os Guedes, pai

viúvo, filho rapaz e duas moças, Madalena e Lúdia. Madalena Guedes limpava os dentes com tabaco de corda. Guardava a bola de fumo no canto da bochecha [...] Lúdia muito branca e pálida, longos cabelos sem cor, repartiu, anos depois, leite de seus peitos e de seus filhos com minha irmã Stela. [...] Terêncio era o irmão. (CELINA, 1997, p.12)

Irene relaciona ao período vivido na rua das Pedras três fatos que marca como importantes: o casamento da madrinha Lúcia, a morte de Carlitos (filho do seu Coutinho) e o nascimento da irmã Alba, que recorda quando descoloca sua narrativa para a vila Armindo:

Coisas contei da rua das Pedras, mas nem disse que ali nasceu Alba, minha segunda irmã. [...] Poucos tempos do nascimento de Alba, mudamo-nos para vila Arlindo. Vila Armindo seis ou sete casas de porta e janelas, o dono era seu hortêncio, italiano de pescoço encarnado, pai de três moças, bonitonas, e dois rapazes, Francisco e Armindo. As casas ficavam numa ribanceira por sobre a estrada de ferro. Quando apitava na curva, a gente corria a vê-lo passar, já de marcha diminuída, bufando como um grande animal cansado. (CELINA, 1997, p.19-20)

Mamãe sentiu a mudança, não se deu na vila Arlindo, não chegou a criar raízes ali. Sua saúde era má, apareceram-lhe tumores. Mas pior foi o dedo grande do pé que deslocou, quando corria, uma noite, para acudir dona Ester do Moreirinha, que estava com uma coisa. Dona Ester ficou boa, mas mamãe passou bem um mês de gatinhas ou pulando, macaca, num pé só, o dedo por acolá, de inchado. [...] Por esses e outros fatos, desgostou-se ainda mais da casa, nela pondo culpa de todos os seus males. Papai teve que arranjar outra, sem tardança. (CELINA, 1997, p.21)

D. Adélia – mãe de Irene – associou os infortúnios à nova moradia, estabelecendo uma filosofia natural de explicação, tal qual os Azandes, povo da África Central pesquisado na década de 1920 pelo antropólogo Evans-Pritchard, que tinham no “mal agouro” um sistema de valores que regulava a conduta humana do grupo, pois para eles os infortúnio que se abatia sobre qualquer um dos seus membros, a qualquer hora, em qualquer relação ou a qualquer atividade múltipla da vida, a mesma era atribuída à bruxaria. Para D. Adélia o “mal agouro” estava atrelado à casa da vila Armindo, sendo está à casa que permaneceram por menos tempo.

Assim fomos para a rua do Capim, onde passei a meninice, adolescência e, da mocidade, os primeiros anos. [...] Meu pai alugou um chalezinho azul, de telha, assolhada, uma estrela branca na testa e um comprido, estreito quintal. Ali vivemos uns dois anos, se não estou enganada. Alba ia nesse tempo pelos quatro. [...] Nesse chalé sim, começaram a acontecer coisas. (CELINA, 1997, p. 22)

Irene menciona que seus melhores anos foram na rua do Capim, e destaca logo no início a oportunidade de poder estudar numa “boa escola”, o Grupo Escolar Doutor Brandão, e a chegada do Primo Xonda, que mesmo trazendo ‘dor de cabeça’ para os tios, é bem recebido. No trecho que segue temos Irene relatando uma prática típica de nossa região, o sistema de “*circulação de crianças*”, o momento da negociação entre seu Geraldo e D. Adélia, o mesmo se faz um pouco mais extenso que os demais para que se tenha a melhor

compreensão da negociação necessária entre o casal.

- É teu cunhado, o Manuel, aperreado com o familhão. Pergunta se podemos ter conosco ao menos um dos filhos. Fala me mandar o Xonda, um dos maiorzinhos, está ficando taludo. Diz o mano que corta o coração crescerem assim, sem um adjuntório, sem mãe para olhar por eles. Do roçado, ele vem à boca da noite, os pequenos passam o dia entregues à Ordália, a mais velhinha. Mas que voz ativa pode ter uma menina de catorze anos perante uma récu de garrotes criados soltos como aqueles – Uma pausa fez, ansiosa, grávida de sugestões: “Que achas?”

[...] (D. Adélia) Sei não, faz o que achar melhor te pareça. Palpite não dou, nesta combuca minha mão não meto.”

- Como não metes? A casa é nossa, é teu cunhado, teu sobrinho. Não queres, não vem, já não está aqui quem falou. Mas lê a carta, ao menos criatura. Aliás, ele fala de ti, apela pro teu tino, pra teu governo. Lê, quando mais não seja, por um descargo. [...]

- É, meu boboca, tem jeito não. Maneira como ele pede, como pinta as coisas por lá, era até uma desumanidade deixar de receber esse pequeno. Onze anos no talo, e ainda analfabeto! Imagino que vícios não terá.

[...] Daí a uns quinze dias chegou Xonda. (CELINA, 1997, p.29)

Conceitualmente, segundo a antropóloga Cláudia Fonseca, a circulação consiste em “toda transação pela qual a responsabilidade de uma criança é transferida de um adulto para o outro”. (FONSECA, 1995, p. 116). A antropóloga, Maria Angelica Motta-Maués, em seu artigo: “Na casa da mãe”/ “na casa do pai”: Anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da “circulação” de crianças, faz referência ao mesmo modelo de circulação

típico de Belém no início do século XX, como podemos ler na citação a seguir:

Mais ainda, eles participavam de um outro sistema de circulação de crianças muito comum em Belém desde as primeiras décadas do século XX (como atesta o historiador Vicente Salles – 1988), embora possa dizer que não deixou de existir até hoje – talvez, em menor escala.

Estou falando, nesta última referência acima, da situação de crianças que eram dadas, pelos pais, para criação, vindas das pequenas cidades do interior do Estado – próximas e até muito distantes da capital –, que trocavam os serviços (tarefas domésticas) delas pela educação que esperavam que elas recebessem. (MOTTA-MAUÉS, 2004, p.437)

No mesmo artigo Motta-Maués (2004) mostra que a divisão das tarefas se dava por gênero, aos meninos cabiam às tarefas “destinadas aos serviços de limpeza externa e/ou mais pesada e aos “mandados” na rua”, como bem narra Irene no trecho abaixo o dia a dia de Xonda:

- Me vê que horas são aí nesse relógio, Adauto. O quê? Já dez para as dez? Isto é o diabo! Onde estará o safado do Xonda? Ah, condenado! Saiu daqui com a trouxa de roupa, nem oito horas eram ainda [...] “Mercado, amanhã, um pé lá, outro cá, quero essa roupa antes das oito na lavadeira, a preta é cavilosa, cheia de partes”. Pois o danado, nas compras foi até rápido, quem viu, dizia: “Este se emendou, ou alguma alma se salvou”. Mas nem bem me benzi, rebentei o nariz, olha só as horas que ele foi, e nem sinal. (CELINA, 1997, p.41)

Xonda, bem mamãe temera, era a pior dor de cabeça, mostrou desde os primeiros diazinhos. Não que fosse malmandado ou respondão. Com ela não se atrevia, nem conosco, tão meninas junto dele. Em casa, falar verdade, varrendo um quintal, lavando um filtro, rachando uma lenha, ou

embalando Alba, ninguém suspeitava o malandro que era. Mas caíssem na asneira de soltá-lo na rua, a buscar uma roladeira d’água, um paneiro de muruci, na cabeça da ponte. (CELINA, 1997, p.42)

O arteiro Xonda muito me faz lembra o chefe dos Capitães da Areia, o Pedro Bala, personagem do escritor Baiano, Jorge Amado. Suas fugas para brincar, as brigas nas proximidades da ponte, e o fato de ambos serem órfãos, sendo que a Xonda lhe restou o pai com os irmãos e os tios que lhe acolheram, diferente de Pedro Bala que não contava com os cuidados de nenhum adulto, as brigas e os pequenos furtos foram às estratégias encontradas para ‘sobreviver’ nas ruas da Bahia. (AMADO, 1992, p.26)

No trecho que segue temos o desfecho de um dos atrasos de Xonda após ter saído para entregar as roupas na Satira Pretinha, que diferente dos demais não resultou em uma surra, mas no descontentamento da tia em saber que o sobrinho havia sido surrado na rua por outros moleques, embora este fosse seu destino assim que chegasse em casa.

- Que fizeste da roupa? Por que toda essa demora?

- A roupa... Eu fui... A casa fechada... Daí segui pro igarapé, atrás da nhá Satira... No caminho, uns pequenos me pegaram... Me deram uma surra, não tive culpa. Mas a trouxa não perdi, está ali, no oitão.

Mamãe, a quem o clarão dos olhos cada vez mais se acendia, ao ouvir o “me deram uma surra”, subitamente mudou a direção da ira. E logo se pôde ver que por detrás das correadas, dos “ah, condenado, ah! Excomungado!”, no fundo, no fundo, mesmo, o que havia, era um amor, um bem-querer àquela dor de cabeça que era Xonda [...] Os relâmpagos no olhar não eram ainda de pura raiva, porém não mas

contra Xonda, sim contra seus perversos agressores. Nem pensou, em seu zelo pelo pequeno, que aquilo bem poderia ser uma peta por ele armada para justificar a manhã perdida, a vadiação tamanha. (CELINA, 1997, p.46)

Mesmo tendo uma relação tensa como Irene muito bem narra o vínculo sentimental entre D. Adélia e Xonda não pode ser desconsiderado, uma vez que o tratamento dado a este não diferia do dado às filhas, principalmente Irene que logo, logo passou a se mostrar faceira, como podemos ler a seguir:

Eu tinha umas esquisitices. Uma vontade de ser diferente do que era. Adorava me fazer de aleijada, fanhosa, coisas assim. Era estar sozinha, num ambiente onde ninguém me conhecesse, vai começava a capengar, a jogar a perna, ou falar pelo nariz, como se tivesse uma campanha partida. Ou a me fazer de vesga. (CELINA, 1997, p. 79)

Irene então continua a narrar suas faceirices:

Uma vez numa festa de levantação de mastro, a que fui com Domingas, nossa empregada, me soltei, me dispersei dele, e dei de andar tremendo um braço, sacudindo-o como se tivera um derrame. Uma velha que estava tomando garapa me viu, botou a mão no queixo: “Mas que coisa, menina assim tão nova, já estuporada!” (Chamavam congestão de estupor). Outra, junto dela, contestou: “Não estupor não deve ter sido. Isso bem foi ramo de ar (meningite), doença terrível, quando não mata, aleija.” Mas seu Carneiro estava pertinho delas, eu nem o vira. Seu Carneiro trabalhava com papai, nos ensacados de camarão e peixe seco. Por sua vez espanto, mas diferente: “Essa não é a filha de seu Geraldo?” Certificando-se: “É sim, é a menina de seu Geraldo e dona Adélia, da rua do Capim. Doente nada, não faz três dias estive lá, estava boinha,

tivesse doente eu sabia, trabalho mais o pai dela, no armazém do coronel Alcides”. Ouvindo isso saí por ali, disfarçando, aquele seu Carneiro me desmascarara, joelho troncho dum diabo! (CELINA, 1997, p. 79)

Quando descoberta D. Adélia lhe aplicava severas punições, em “*Eram Seis Assinalados*” as lembranças da mãe sobre a filha são carregadas de magoas do período que marcar a infância de Irene até sua juventude:

Reconheço, nunca foi a minha predileta. Posso afirmar que à falta de punição não foi este descalabro. Das três a que mais apanhou. Surra de ficar lanhada, disse ela bem pode dar notícia. Ninguém nesta terra me tratara de mãe-molenga, cabelo daquela-uma jamais alisei, era nas correadas, cada coça de cipó que nem te conto. Como seu pepino não dobrei! Nasceu mesmo para altas desordens. Ninguém me culpe, primeiro: que não exemplo eu não dei. Segundo: não lhe poupei o couro. Quantas vezes as vizinhas vieram arrancá-la debaixo da minha ira. A tamancada que lhe atirei em riba do olho e que por um triz não a cegava. Remorso tive, mas quando com ela me enfurecia, a modo que queria dar cabo da vida. (CELINA, 1994, p.42.)

É preciso ressaltar que em “*Menina Que Vem de Itaiara*” embora Irene relate os momentos de correções da mãe não há em sua narrativa a fala direta da mesma sobre o sentimento para com a filha, talvez por não lembrar ou por não querer lembrar a ‘rejeição’ materna. E aqui muito bem se aplica o ‘princípio’, vou chamar desta forma, do que se é dizível e indizível em uma narrativa, principalmente quando a memória está associada a dor. (TAETS, 2014)

Pensar esta ‘comunidade amazônica’ – Itaiara/Bragança – ainda que tenha se mostrado

um exercício aprazível, tem me feito refletir a riqueza presente na narrativa de Lindanor Celina. Narrativa carregada de peculiaridades de uma Bragança atemporal, cujos fragmentos de memória quando ancorados são enriquecidos por seu estilo de escrita, o qual permite ao leitor, e aqui me incluo, a percorrer as ruas de Itaiara, e neste percorrer conhecer seus personagens e as tramas da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- BUESCU, Helena Carvalhão. A casa e a encenação do mundo: os fidalgos da casa mourisca, de Júlio Dinis. In: **Escrever a casa portuguesa**. (Org.) Jorge Fernandes da Silveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- CELINA, Lindanor. **Menina Que Vem de Itaiara**. Belém: Cejup, 1997.
- _____. **Eram Seis Assinalados**. Belém: Cejup, 1994.
- DURAND, Gilbert. **Situação atual do símbolo e da imagem**. In: A fé do sapateiro. Brasília: Editora da UnB, 1995.
- _____. **Introdução; Elementos para uma fantástica transcendental**. In: As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Presença, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Ano, Ano Novo, cosmogonia**. In: Mito do Eterno Retorno. Tradução: José Antonio Ceshin. Editora Mercuryo, São Paulo, 1992.
- EDWARDS, Elizabeth. **Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia**. (Org.) Sylvia Caiuby Novaes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Memórias da infância na Amazônia**. In: História das Crianças no Brasil. (Org.) Mary Del Priore. 7ª Edição. São Paulo: Contexto, 2013.
- FONSECA, Cláudia. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2003.
- MARINHO, Carla Figueiredo. **ENEIDA DE MORAES para mulheres, sobre mulheres, A Mulher 'Dita': contornos da Imagem do Feminino em Eneida, "a escritora que veio do Pará"**. (Dissertação de Mestrado) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará. 2016.
- MOTTA-MAUÉS. Na "casa da mãe"/na "casa do pai": Anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da "circulação" de crianças. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2004, V. 47 nº 2.
- PENHA, Maria da Neves Oliveira. **"Cartografias de Irene na trilogia de Lindanor Celina"**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Letras e Artes, da Universidade Federal do Pará, 2008.
- PEREIRA, João Carlos. **A cerimônia de um adeus que não há**. In: Lindanor, a menina que veio de Itaiara. Org: Tupiassú, Amarilis; Pereira, João Carlos; Bedran, Madeleine. Belém: SECULT, 2004.
- PRICE, Richard. **Memórias, Modernidades, Martinica (Fragmentos de um livro)**. Tradução: Inês Alfano. ILHA. Florianópolis: 1 (2): 47-69, 2000.
- PRITCHARD, Evans. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azandes**. Tradução: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Tradução: Mário Quintana. São Paulo: Globo, 3ª Edição, 2006.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes Da. **Escrever a casa portuguesa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- TAETS, Adriana Rezende Faria. **O dizível e o indizível: narrativas de dor e violência em cárceres brasileiros**. Anuário antropológico. 01/10/2014.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar. A perspectiva da experiência**. Caps. 6 e 9. São Paulo: Difel, 1983.
- REFERÊNCIA DIGITAL
- Blog Colégio Santo Antônio
<http://colegiosantoantoniobelemblogspot.com.br/> ALENCAR, Mônica.

Dados sobre a autora:

Cientista Social e Mestre em Antropologia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) E-mail: marinhocarla83@gmail.com

Recebido: 26/09/17